CALAMIDADE NO RS

Drenagem na Vila Palmeira deve começar na sexta-feira

Dário Gonçalves
dario.goncalves@gruposinos.com.br

PREFEITURA DE NOVO HAMBURGO/DIVULGAÇÃO

Bomba da Sabesp chegou ontem, será montada hoje e retirada da água deve começar sexta

Chegou na tarde de quarta-feira (22), em Novo Hamburgo, uma das 18 bombas emprestadas ao Estado pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) para fazer a retirada da água presente na Vila Palmeira, no bairro Santo Afonso. O equipamento foi trazido em dois caminhões do Exército ao pátio da prefeitura, onde será montada nesta quinta-feira (23) para, então, ser levado junto à Casa de Bombas.

De acordo com o engenheiro Ricardo Al-Alam, diretor de Esgotos Pluviais da Prefeitura de Novo Hamburgo, a montagem depende de técnicos da própria Sabesp e, por isso, o início da retirada da água será na sexta-feira (23). "Neste momento, os flaps da casa de bombas estão escoando por gravidade, e isso já fez com que a água baixasse quase dois metros de água. As bombas são fundamentais para tirar essa água da cidade", comenta.

Antes disso, nesta quinta-feira, será colocada uma primeira bomba, que foi locada, e iniciará a retirada de dois mil litros de água por segundo, conforme Al-Alam. Na sexta, além da bomba da Sabesp, devem entrar em operação também outras duas bombas cedidas por empréstimo de um grupo de arrozeiros da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), que estão sendo transportadas para Novo Hamburgo. "Até o final de semana, estaremos com uma capacidade de bombeamento bem próxima da capacidade da casa de bombas, que se encontra em estado lastimável", acrescenta o engenheiro.

FOTOS DÁRIO GONÇALVES/GES-ESPECIAL

Muita destruição já é observada no entorno do Gauchinho

Lamento e insegurança

Morador da Rua Eldorado, junto ao Arroio Gauchinho, o presidente da Associação dos Moradores da Vila Palmeira, Gilvânio Silva, 36, diz que tem orientado os moradores a limparem suas casas e retirarem os móveis e entulhos, mas que ainda não retornem para ficar. "Voltar para casa é uma coisa meio complicada, nós nunca esperávamos que a água chegasse onde chegou. A nossa expectativa é voltar assim que tiver uma segurança total no dique. Porém, tem essa chuva grande no final desta semana, então essa vai ser nossa margem para verificar se tem possibilidade de todo mundo voltar ou não", comenta.

A água ocupa cerca de um metro e meio de sua casa, depois de chegar ao teto. Cenário parecido ocorreu na residência de sua mãe, que vive na Rua Harmonia. Cada um segue abrigado na casa de outras pessoas e, agora, vivem a expectativa de ver a água, finalmente, deixar o seu bairro após quase um mês.

abc+
Acesse abcmais.com.br/tempestade e acompanhe a cobertura das cheias

Argila e lama tomaram conta da Casa de Bombas

Também nesta quarta-feira (22), a prefeitura iniciou a limpeza e retirada de argila da casa de bombas. Os painéis elétricos, que acionam os motores, foram danificados e precisam ser retirados para o conserto. Além disso, os motores das bombas também precisaram ser retirados parar secagem e conserto.

Conforme a prefeitura, a argila que integra o dique se espalhou com força na parte danificada e foi levada pelas águas para dentro da casa de bombas e para a bacia do Arroio Gauchinho. "Os nichos onde estão os motores estão cheios de argila e lodo, o que dificulta ainda mais o trabalho. Os motores não ficaram apenas encharcados, mas também envoltos nesta argila. Partes dos painéis elétricos também ficou embarrada", lamenta o diretor Al-Alam.

Ao lado da casa de bombas, está sendo escavada uma bacia de pelo menos 15 metros por 20 e três metros de profundidade para a instalação das bombas temporárias submersas e flutuantes. "Infelizmente, os danos causados pelo solapamento do dique no lado de São Leopoldo são muito maiores do que havíamos pensado inicialmente. Não podemos cometer a irresponsabilidade de prometer quando não haverá mais água na Santo Afonso, porque vai voltar a chover", finaliza o engenheiro.

Com recuo das águas, restou destruição na casa de bombas

CHICO JÚNIOR/SEMAE

Equipamentos da Higra têm ajudado na drenagem das águas

Empresa de São Leopoldo adapta bombas anfíbias para drenar áreas alagadas

A tragédia que atinge o Estado deixou São Leopoldo com diversas áreas totalmente alagadas. Para drenar a água e fazer com que os moradores de bairros como Campina e Vicentina possam voltar para suas casas, a empresa Higra, de São Leopoldo, tem adaptado seu sistema de bombas anfíbias para atender a cidade de forma emergencial.

Das seis bombas, quatro já foram instaladas e as outras duas ficarão prontas na quinta (23) e devem ser colocadas na sexta-feira (24). Além disso, há mais oito bombas anfíbias que estão no meio da cidade e são utilizadas para pressurizar água potável para bairros mais afastados e bombas menores trabalhando em áreas de difícil acesso.

Em entrevista, ontem, à rádio ABC 103.3 FM, o CEO da empresa, Alexsandro Geremia, explicou que os equipamentos inicialmente iriam para a cidade de Ijuí. "Tivemos a sorte de ter os equipamentos prontos, por isso em cinco dias transformamos as bombas anfíbias para a captação emergencial em São Leopoldo", contou para a apresentadora Jeania Romani.

Geremia explica que as bombas pesam seis toneladas e são colocadas dentro da água, mas o modelo permite que operem fora da água também. "Este modelo é o único modelo do mundo e foi inventado pela Higra. A bomba é colocada, então, dentro da área de inundação. A tubulação, em um trabalho feito junto com a Top Vargas, fica dentro do rio, bombeia a água no bairro e coloca ela de volta para o rio", explica.

Cada bomba anfíbia tem alta capacidade. São 3 mil litros por segundo, sendo 7,3 milhões de litros por hora, o que equivale a três piscinas olímpicas. "Ao todo, temos em torno de 30 milhões de litros de água por hora." **(Juliana Dias)**

Outras cidades usam serviço

A empresa também foi procurada por outras cidades. Em Novo Hamburgo, de acordo com Geremia, foi iniciativa da Higra o contato para aprovação de um projeto emergencial. "Tentei pessoalmente contato com pessoas de governo, o vice-prefeito, secretário de Obras e da Fazenda me atenderam. Esperavam alguns laudos para tomada de decisão e fecharam a contratação de uma bomba, que é anfíbia, mas com capacidade menor. Eles também receberam algumas bombas vindas da Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo), mas que não são anfíbias", explica.

"Eles pagam nosso custo"

Na entrevista para a ABC, Geremia não informou os valores negociados, mas disse como funciona o contrato com as prefeituras. "Estamos fazendo no formato de aluguel dos equipamentos. Não é de graça, eles alugam os equipamentos durante o tempo que for necessário, que acreditamos que seja um mês, até dois meses. O valor pago é o que estamos gastando para adequar os equipamentos para esta realidade, eles pagam nosso custo", comenta.